



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC

JEAN FELIPE SANTOS GRELLMANN

**O PAPEL DA LITERACIA FINANCEIRA NO PROJETO DE
PREVIDÊNCIA DO BRASILEIRO**

RIO DE JANEIRO - RJ

2019-2

JEAN FELIPE SANTOS GRELLMANN

**O PAPEL DA LITERACIA FINANCEIRA
NO PROJETO DE PREVIDÊNCIA DO BRASILEIRO**

Monografia apresentada à Faculdade de
Administração e Ciências Contábeis da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(FACC/UFRJ) como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Administração.

Orientador: Prof. Dr. Alexis Cavichini Teixeira de Siqueira

RIO DE JANEIRO – RJ

2019-2

JEAN FELIPE SANTOS GRELLMANN

O PAPEL DA LITERACIA FINANCEIRA NO PROJETO DE PREVIDÊNCIA DO BRASILEIRO

Monografia apresentada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. ALEXIS CAVICHINI TEIXEIRA DE SIQUEIRA – UFRJ (Orientador)

NOME DO MEMBRO DA BANCA, TITULAÇÃO E INSTITUIÇÃO A QUE PERTENCE

Rio de Janeiro, _____.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a Deus, que colocou tantas pessoas inspiradoras no percorrer de minha vida, assim como pelas oportunidades que tive e pelas lições que moldaram meu caráter até aqui.

Muita gratidão à minha família por toda a paciência e confiança. Não há dúvidas que a família é o pilar de qualquer sociedade, a força motriz que inspira cada um de nós a trabalhar e a superar os obstáculos, assim como a quebrar limites.

No âmbito acadêmico, um agradecimento especial a todos os docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial aos professores da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC).

Um agradecimento aos professores Luiz Antônio Ochsendorf Leal, Luiz Carlos Feitosa de Moura e Synval de Sant'Anna Reis Neto por terem me introduzido aos assuntos relacionados às finanças pessoais e aos investimentos financeiros.

E, por fim, um agradecimento especial ao mestre Alexis Cavichini Teixeira de Siqueira pela mentoria, pelos conselhos e pela orientação acadêmica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1. Formulação do Problema de Pesquisa	7
1.2. Objetivos	8
1.2.1. Objetivo Geral	8
1.2.2. Objetivos Específicos	8
1.3 Justificativas	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Literacia Financeira	10
2.2 Literacia Financeira e Educação	11
2.3 Consumismo x Patrimônio	12
2.4 Inflação, Juros Compostos e Diversificação de Risco	14
2.5 Análise do Perfil do Investidor	15
3. METODOLOGIA	18
3.1 Tipo de Pesquisa	18
3.2 População e Amostra	18
3.3 Instrumento de Coleta de Dados	18
3.4 Procedimentos de Coleta e de Análise de dados	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
5. CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

RESUMO

Os governos dos países ao redor do mundo têm tido cada vez mais dificuldade em manter os sistemas previdenciários sem que hajam reformas e ajustes frequentes, dadas as características demográficas das populações que são cada vez mais influenciadas por taxas de natalidade cada vez menores, assim como expectativas de vida cada vez maiores. O atual modelo de previdência pública no Brasil solicita dos contribuintes exigências cada vez mais rígidas para que se tenha finalmente acesso à aposentadoria. Diante desta realidade exige-se dos cidadãos cada vez mais empenho e planejamento em relação às finanças pessoais com o objetivo de multiplicar o patrimônio pessoal enquanto se está ativo para que no futuro, às vésperas da aposentadoria ou de uma situação imprevisível, seja possível utilizar os próprios recursos acumulados como fonte de aposentadoria própria, sendo uma alternativa ou uma sinergia às pensões oriundas dos sistemas previdenciários. Dado o cenário, a presente pesquisa quantitativa tem como propósito central identificar e fazer reflexões acerca do conhecimento sobre literacia financeira dos participantes da amostra ao mensurar noções sobre inflação, juros compostos e diversificação de risco, além de mapear o nível de planejamento financeiro voltado à aposentadoria e o perfil de investidor dos membros que compõem a amostra. Como método de pesquisa foi aplicado um survey em 65 participantes através da utilização de um questionário de elaboração própria e baseado nos principais questionários distribuídos pelos principais autores do tema “literacia financeira” até hoje. A amostra estudada demonstrou um empenho básico a intermediário em relação ao planejamento financeiro de suas aposentadorias, assim como a adoção de práticas tradicionais de investimento aliadas a uma grande curiosidade relativa à investimentos atrelados à renda variável. Constatou-se, portanto, a necessidade de uma atuação mais efetiva por parte das instituições de ensino públicas e privadas, tanto na educação básica quanto no nível superior, na oferta de disciplinas voltadas à gestão das finanças pessoais, assim como na participação público-privada na realização de eventos e distribuição de materiais voltados à educação financeira.

Palavras-chave: Literacia Financeira, Planejamento Financeiro, Aposentadoria.

1. INTRODUÇÃO

Até a metade dos anos 1990, o Brasil viveu sob a influência da hiperinflação e, em alguns governos, como o do ex-presidente Sarney – que durou de 1985 a 1990 -, foi adotado o tabelamento de preços no qual os preços dos produtos mudavam diariamente e, em alguns casos, várias vezes durante um mesmo dia. Já a partir do governo Collor foi adotado o congelamento das cadernetas de poupança que possuíam acima de 50 mil Cruzados Novos, moeda brasileira na época. Tais fatos inviabilizaram a tentativa dos brasileiros de fazerem um planejamento financeiro de longo prazo – pensando na aposentadoria – além de desestimularem o povo a se educar financeiramente, devido às constantes trocas de moeda, à hiperinflação e ao risco econômico, como observado por Lopes e Conceição (2016).

Entretanto, após a adoção do Real como moeda, que ocorreu em 1994, a realidade econômica brasileira ganhou novos ares. A partir daí a inflação ficou controlada, o Brasil atraiu investimentos do exterior e a moeda fortaleceu-se, como demonstram Lopes e Conceição (2016), fazendo com que o Real esteja em vigor há 25 anos. E é justamente a partir deste cenário que observou-se um maior interesse por parte dos brasileiros em relação aos investimentos financeiros e à previdência (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007). É neste contexto que se insere a Literacia Financeira, que Lusardi e Mitchell (2014) definem como “a capacidade de fazer planejamento financeiro, construir e manter a riqueza, tomar decisões informadas sobre dívida e aposentadoria e usar o conhecimento econômico a seu favor”.

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2016), o Brasil ocupava a vigésima sétima posição dentre trinta países pesquisados em relação ao nível de educação financeira de suas respectivas populações adultas. Ainda segundo a OCDE (2016), além da literacia financeira foram analisados aspectos como comportamento financeiro, atitudes e inclusão de seus cidadãos. O Brasil ficou atrás de outros países em desenvolvimento, segundo o Fundo Monetário Internacional (2017), como Rússia, Malásia e Tailândia.

Jappelli e Padula (2011) preveem que a literacia financeira e a riqueza serão fortemente correlacionados ao longo do ciclo de vida, com ambos subindo até o período pré aposentadoria e caindo depois. Eles também sugerem que, em países com benefícios generosos da Previdência Social, haverá menos incentivos para que a população economize e acumule riqueza e, consequentemente, menos razões para investir em educação financeira. Tal realidade é

semelhante à que acontece no Brasil há décadas como observado no estudo realizado por Savoia, Saito e Santana (2007).

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

No período em que se realizou o presente estudo, foi observada uma relevante transformação na maneira como o brasileiro enxerga os investimentos, dadas as inovações tecnológicas que permitiram o amplo acesso à diferentes modalidades de aplicações financeiras, em especial àquelas presentes em bancos digitais e corretoras – como operações atreladas à renda variável realizadas no Home Broker e acesso a diversas opções de fundos de investimento, de baixo a alto risco – até a possibilidade de compra e venda de criptomoedas que, apesar da constante evolução e observação por parte dos especialistas, não fazem parte da abordagem do estudo em questão.

Fatores culturais também influenciaram a elaboração desta pesquisa, em especial no Brasil, aonde a construção de patrimônio é deixada, em muitos casos, em segundo plano, dando-se prioridade à obtenção de pensões previdenciárias, mesmo que isto signifique ter de trabalhar até uma determinada idade – que tende a ser cada vez mais alta – estipulada pelo governo, ao passo que eventos indesejáveis avulsos à vontade humana podem ocorrer a qualquer momento e inviabilizar a força de trabalho.

Portanto, levando-se em consideração a grande relevância do tema “educação financeira” especialmente nos países desenvolvidos, que é abordado desde o ensino médio e, em alguns casos, desde o ensino básico, assim como o papel que este desempenha na formação de cidadãos financeiramente conscientes e preparados para o futuro, buscou-se, com esta pesquisa, responder a seguinte questão: De que forma o cidadão brasileiro utiliza os conceitos da Literacia Financeira em seu planejamento financeiro de aposentadoria?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Identificar e fazer reflexões acerca do conhecimento sobre literacia financeira dos participantes da amostra ao mensurar noções sobre inflação, juros compostos e diversificação de risco, além de mapear o nível de planejamento financeiro voltado à aposentadoria e o perfil de investidor dos membros que compõem a amostra. Como consequência será possível, de forma adicional, entender o posicionamento dos participantes em relação às diferentes possibilidades de investimento nos dias de hoje, dando uma dimensão percentual de como o brasileiro, de uma forma geral, aloca seus recursos financeiros, assim como entender a opinião da amostra em relação ao trade-off entre trabalho e lazer, sendo possível interpretar as preferências psicológicas individuais entre se ter um alto nível de trabalho aliado a estabilidade ou o lazer atrelado à possíveis riscos.

1.2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o conceito de Literacia Financeira de acordo com os principais autores
- Investigar como a Literacia Financeira é abordada através dos programas governamentais brasileiros
- Demonstrar os principais conceitos que compõem o universo dos investimentos
- Demonstrar a importância da Literacia Financeira nas decisões financeiras de longo prazo do brasileiro, em especial no projeto de aposentadoria

1.3 JUSTIFICATIVAS

O presente estudo adquire notável importância devido à escassa produção sobre o assunto em âmbito nacional. Soma-se a isto o fato de o Brasil ser um país em desenvolvimento cuja população têm um alto grau de endividamento e inadimplência, onde 60,1% das famílias brasileiras têm algum tipo de dívida (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, 2019), o que inviabiliza, em grande parte, a adoção de aportes financeiros com a intenção de construção de patrimônio.

Soma-se a isto o fato de que, conforme evidenciado por Lusardi e Mitchell (2014), há “deficiência na transmissão dos conceitos ligados à educação financeira por todo o globo”, tanto

em países subdesenvolvidos, quanto em emergentes e, inclusive, nos desenvolvidos. Também foi demonstrado pelos mesmos autores a composição do conteúdo dos principais questionários já divulgados até hoje ao redor do mundo, o que motiva a tentativa deste estudo de mapear os conhecimentos que compõem a literacia financeira na realidade brasileira, afinal as consequências estimadas do analfabetismo financeiro apontam para “prejuízos possivelmente altos, especialmente nas áreas de dívida do consumidor e gerenciamento da dívida” (LUSARDI; MITCHELL, 2014) que são dois dos principais desafios a serem abordados e remediados na realidade das finanças domésticas dos brasileiros, e que dificultam a elaboração de um projeto de aposentadoria seguro e bem estruturado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No decorrer do referencial teórico são apresentados os principais tópicos que permeiam a relação entre os princípios da educação financeira e o planejamento financeiro de longo prazo. A base teórico-conceitual aborda o conceito de literacia financeira e suas características, assim como sua definição de acordo com os autores mais citados na literatura. Em seguida é discutida sua relação com aspectos pedagógicos da sociedade e também com o consumismo contemporâneo e, outrossim, são destacados os três principais conceitos que são objeto de mensuração pelos questionários já realizados sobre o assunto até hoje e que compõem a base teórica da literacia financeira. Por fim, serão abordados conceitos relacionados ao risco, em especial os diferentes tipos de perfil de investidor de acordo com sua aversão ao risco.

2.1 LITERACIA FINANCEIRA

A produção nacional sobre Literacia Financeira é consideravelmente escassa e pouco abordada entre os pesquisadores. Neste sentido os principais autores encontram-se fora do país, mais especificamente nos países desenvolvidos. Os principais autores do tema definem a Literacia Financeira como “a capacidade de fazer planejamento financeiro, construir e manter a riqueza, tomar decisões informadas sobre dívida e aposentadoria e usar o conhecimento econômico a seu favor” (LUSARDI; MITCHELL, 2014). Também pode ser definida como “uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos necessários à tomada de decisões sensatas para alcançar riqueza financeira individual” (ATKINSON; MESSY, 2012), permitindo ao cidadão comum que tenha capacidade suficiente para tomar as próprias decisões financeiras e que, ao longo de anos de acúmulo de noções teóricas e práticas que fundamentam o mercado financeiro, possa planejar e gerenciar as próprias estratégias de investimento, independentemente de terceiros.

Como abordado anteriormente, este tema ganha fundamental relevância no Brasil devido às dificuldades apresentadas pela classe política em fazer o país voltar a crescer economicamente, além dos problemas relacionados ao déficit na previdência social dos últimos anos. Ademais, é notório que o brasileiro, de um modo geral, ainda não se sente seguro em investir em produtos financeiros mais sofisticados, preferindo utilizar a caderneta de poupança

como fonte de segurança patrimonial e de investimento, simultaneamente (DATAFOLHA, 2019, p.26), seguido de muito longe pela previdência privada.

Os dados desta pesquisa revelam, portanto, que a grande maioria dos brasileiros ainda não entende a efetividade dos juros compostos, isto é, o fato de que o dinheiro do cidadão, se aplicado da maneira correta, pode trabalhar por ele e fazer multiplicar seu patrimônio em algumas vezes no longo prazo; mostram o desconhecimento do brasileiro em relação à diversificação e gestão do risco, afinal quanto maior a alocação de recursos em produtos financeiros de maior risco, maiores tendem a ser as rentabilidades, desde que hajam alocações simultâneas e em maior percentual em ativos de baixo risco, que trarão retornos fixos mensais e possibilitarão amenizar possíveis perdas pontuais em períodos de rentabilidade negativa nos produtos atrelados à renda variável; demonstram que o brasileiro não confia plenamente no Sistema Financeiro Nacional e nas entidades reguladoras e; por fim, indicam que a inflação ainda não é vista como um real problema para o acúmulo de patrimônio, afinal durante alguns dos últimos anos a rentabilidade da caderneta de poupança sequer protegeu o poder de compra de quem aplicou nela, algo que poderia ser evitado ao investir em títulos públicos, que oferecem rentabilidade ligeiramente superior aos índices de inflação e são ainda mais seguros que os bancos privados ou públicos.

2.2 LITERACIA FINANCEIRA E EDUCAÇÃO

Conforme demonstrado por Japelli e Padula (2011) níveis mais altos de recursos, maiores retornos para a alfabetização e uma maior dotação inicial de alfabetização também estão associados a níveis mais altos de poupança, bem como a um maior nível atual de alfabetização. Além disso demonstram que a introdução de um sistema de previdência social reduz os incentivos para economizar e investir em educação financeira. Portanto evidencia-se uma clara necessidade de adoção de programas nacionais de educação financeira, por parte dos governos, com a intenção de estimular desde o ensino básico noções de construção de poupança e matemática financeira.

No cenário nacional é possível destacar a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF – que é uma mobilização multissetorial em torno da promoção de ações de educação financeira no Brasil, com o objetivo de fortalecer a cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes. A ENEF oferece acesso à informação através de artigos e vídeos referentes aos mais diversos assuntos que compõem a literacia financeira, como previdência, consumo, planejamento, crédito, seguros, poupança, investimentos, direitos e deveres. No âmbito dos programas educativos, oferece livros gratuitos de educação financeira juvenil voltados para o ensino fundamental e para o ensino médio, além de oferecer jogos educativos online. Torna-se fundamental a intensificação dos programas propostos pela ENEF pois, segundo o estudo realizado por Savoia, Saito e Santana (2007), a educação financeira no Brasil encontra-se em um estágio de desenvolvimento inferior em relação aos Estados Unidos e Reino Unido, sendo neste primeiro um “tema adotado obrigatoriamente na grade de ensino de alguns estados, 72% dos bancos promovem programas de educação financeira, além de diversas organizações engajadas nesse processo.” (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007). Além disso, a diferença entre Brasil e os países citados reside na “compreensão de fatores históricos, culturais, bem como da responsabilidade das instituições no processo de educação financeira” (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

É importante ressaltar que baixos níveis de alfabetização financeira são evidenciados ao redor do mundo, inclusive nos países desenvolvidos, como observado por Lusardi e Mitchell (2014) em estudo realizado para demonstrar os principais resultados dos questionários relacionados à literacia financeira. Os autores identificaram que nos Estados Unidos alguns subgrupos como jovens, idosos, mulheres, afro-americanos, hispânicos e moradores de áreas rurais são menos literatos financeiramente em relação a homens, a cidadãos em idade ativa e a moradores das áreas urbanas.

2.3 CONSUMISMO x PATRIMÔNIO

Halfeld (2001, p.16) afirma que um dos principais obstáculos para a construção de uma poupança está “na dor da renúncia ao consumo imediato e que poucas pessoas conseguem, de fato, diferenciar os verbos necessitar e precisar, do verbo desejar”. Neste sentido o

hiperconsumismo é um dos fatores fundamentais que geram a incapacidade dos cidadãos em pensar a longo prazo, afinal o hiperconsumidor “dispõe-se a adotar práticas consumistas pois, supostamente, poderão trazer para sua vida a suposta felicidade instantânea” (BAUMAN, 2008) quando, na verdade, acabam gerando endividamento e inadimplência, em especial no médio e longo prazo.

No estudo realizado por Halles, Sokolowski e Hilgemberg (2008) evidenciou-se a dificuldade que os entrevistados – mais especificamente servidores públicos da cidade de Ponta Grossa, no Paraná – tinham em formar reservas (poupança) especialmente com o intuito de solucionar problemas não previsíveis como internações e obtenção de medicamentos ocasionados por problemas de saúde, além de possuírem dificuldades na gestão e no planejamento de suas finanças domésticas, resultando em altos índices de empréstimos junto a instituições financeiras. Em suma, a chave para construção de patrimônio e para estar prevenido financeiramente em relação às incertezas é gastar menos do que se ganha, utilizando as sobras para a construção de uma reserva de emergência que possa suprir os gastos dos próximos seis meses, mantendo-se o padrão de vida atual. Na sequência, todo o excedente mensal deve fazer parte de aportes mensais em investimentos, de acordo com o perfil do investidor – tópico que será abordado mais a frente –, utilizando os juros compostos a favor de seu patrimônio.

Lusardi e Mitchell (2007) mostraram que indivíduos com conhecimentos mais elevados de literacia financeira tendem a escolher investimentos com maior risco, já que tais indivíduos possuem mais informação sobre os mercados financeiros, além de terem noções de diversificação de investimentos – com o intuito de mitigar o risco – e de escolha de ativos de acordo com a situação econômica e perspectiva futura de um país, conhecimentos que são os pilares da educação financeira contemporânea.

Atkinson e Messy (2012) observaram que a literacia financeira tende a ser mais elevada entre adultos no meio do seu ciclo de vida, e é geralmente menor entre os jovens e idosos. Tal fato pode ser explicado devido à falta de educação financeira dos jovens, em especial no período pré-universitário, e ao excesso de conservadorismo dos mais idosos, com a intenção de proteger o patrimônio construído durante toda a vida. Além disso constataram que alguns países

precisam trabalhar particularmente para garantir que as mulheres não sejam deixadas para trás pois “as mulheres têm níveis mais baixos de educação financeira do que os homens em quase todos os países estudados” (ATKINSON; MESSY, 2012).

2.4 INFLAÇÃO, JUROS COMPOSTOS E DIVERSIFICAÇÃO DE RISCO

Como observado por Lusardi e Mitchell (2014), os principais estudos já feitos ao redor do mundo com o objetivo de mensurar o nível de educação financeira dos participantes da amostra utilizaram questionários que, em sua maior parte, visavam observar o quão bem os entrevistados entendiam sobre três pilares básicos da educação financeira: a noção de que a inflação consome parte das reservas monetárias – em maior ou menor grau de acordo com o nível de desenvolvimento econômico de determinado país ou região – e faz os preços dos produtos e serviços aumentarem com o passar do tempo; o entendimento das pessoas em relação a análise de investimentos através da utilização de juros compostos, valor presente e valor futuro; além do conceito de diversificar o risco de um investimento através da alocação de recursos em diversos tipos de ativos, mitigando o risco.

A inflação pode ser definida como um conceito econômico que representa o aumento generalizado e persistente do preço dos produtos de um determinado país ou região durante um período de tempo definido, ocasionando na queda do poder aquisitivo do dinheiro em relação a elevação dos preços desses bens e serviços, e em casos extremos resultando na hiperinflação como ocorrido no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, tal qual observaram Lopes e Conceição (2016) em seus estudos. Deste modo, é fundamental estabelecer a taxa de inflação como índice básico na análise de um investimento, observando tanto a inflação acumulada quanto a expectativa de inflação para o ano corrente, escolhendo aqueles produtos financeiros que ofereçam o melhor retorno possível em relação à ela.

Os juros compostos – aqueles em que o juro do mês é incorporado ao capital, constituindo um novo capital a cada mês para o cálculo de novos juros – são os mais utilizados pelos sistemas financeiros ao redor do mundo, e são grandes aliados na construção de patrimônio. Quanto maior a alocação de recursos em um investimento, maior será o montante com o passar dos tempos e, conseqüentemente, mais potente será o efeito dos juros compostos sobre este,

resultando em um valor futuro substancial. Além disso, graças aos juros compostos é possível, após um determinado acúmulo de capital, viver somente com os rendimentos, dependendo do padrão de vida e do perfil do investidor em questão.

Já a diversificação de risco é um conceito mais complexo e menos abordado entre a maioria dos cidadãos conforme analisado por Lusardi e Mitchell (2014) pois envolve a análise de diversos fatores como a segurança de aplicar em determinado produto financeiro, o momento específico da economia local e o próprio perfil do investidor em si. Segundo Markowitz (1952), o risco pode ser definido como “a incerteza de um determinado acontecimento” podendo ser traduzido, no contexto dos investimentos, como a probabilidade de que um investidor ganhe menos do que espera, enquanto retorno é a quantidade de capital ganho como resultado da aplicação financeira. Neste sentido é possível classificar os investidores de acordo com sua tolerância ao risco em três grupos bem definidos, como será abordado no próximo capítulo.

2.5 ANÁLISE DO PERFIL DO INVESTIDOR

Ao observar que nem todos os cidadãos utilizavam a mesma estratégia de investimento pois uma série de fatores – como psicológicos, educacionais, objetivos de vida, dentre outros – diferenciam um investidor de outro, Markowitz (1952) elaborou a teoria moderna do Portfolio, segundo a qual as decisões relacionadas à seleção de investimentos devem ser tomadas com base na relação risco-retorno, sendo os ativos com menor risco tendo uma capacidade de retornos menores em relação aos ativos de maior risco, que geralmente estão atrelados à renda variável.

No Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários (2013) aprovou a instrução 539/2013 que torna a Análise de Perfil do Investidor (API) do cliente obrigatória ao abrir uma conta em uma corretora ou em um banco digital. Além disso torna-se obrigatória a verificação se o produto financeiro oferecido por um assessor de investimentos está de acordo com os objetivos e a situação financeira do cliente. A análise do perfil do investidor é realizada através de um formulário que possui o mesmo nome (API) e deve ser respondido a cada 24 meses para verificar se o perfil de um cliente continua igual ao da última análise ou se sofreu alterações neste tempo. Antes de desmembrar cada um destes perfis, é importante ressaltar que são

considerados investidores profissionais, de acordo com a CVM: instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil; companhias seguradoras e sociedades de capitalização; entidades abertas e fechadas de previdência complementar; pessoas naturais ou jurídicas que possuam investimentos financeiros em valor superior a R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais) e que, adicionalmente, atestem por escrito sua condição de investidor profissional mediante termo próprio; fundos de investimento; clubes de investimento, desde que tenham a carteira gerida por administrador de carteira de valores mobiliários autorizado pela CVM; agentes autônomos de investimento, administradores de carteira, analistas e consultores de valores mobiliários autorizados pela CVM, em relação a seus recursos próprios e; investidores não residentes.

São considerados investidores qualificados: investidores profissionais; pessoas naturais ou jurídicas que possuam investimentos financeiros em valor superior a R\$1.000.000,00 (um milhão de reais) e que, adicionalmente, atestem por escrito sua condição de investidor qualificado mediante termo próprio; as pessoas naturais que tenham sido aprovadas em exames de qualificação técnica ou possuam certificações aprovadas pela CVM como requisitos para o registro de agentes autônomos de investimento, administradores de carteira, analistas e consultores de valores mobiliários, em relação a seus recursos próprios; e clubes de investimento, desde que tenham a carteira gerida por um ou mais cotistas, que sejam investidores qualificados.

Em relação aos três perfis de investidor, a CVM classifica cada um deles de acordo com suas características: *conservador*, no qual enquadram-se os investidores que possuem a maior aversão ao risco e que buscam, de um modo geral, a manutenção do patrimônio. Geralmente o objetivo deste tipo de investidor é receber retornos reais – acima da inflação – com o menor risco e maior liquidez possíveis. Os investimentos mais recomendados a este tipo de investidor são a Poupança, CDB, Tesouro Direto e LCI; *moderado*, caracterizado por investidores que aceitam correr certo risco para obter retornos acima do Benchmark, que é o índice de referência do investimento. Neste perfil recomenda-se adotar uma posição minoritária em Ações, Fundos Imobiliários, Fundos de Ações e Fundos Multimercado. Este perfil de investidor costuma ter uma alternância de posições majoritariamente conservadoras com algumas posições mais

arrojadas, e almeja o equilíbrio entre segurança, liquidez e rentabilidade; e *agressivo* ou *arrojado*, que tendem a ser investidores mais jovens, que aceitam correr um risco maior em busca de uma maior rentabilidade mantendo maior parte de suas posições em ativos de renda variável. Com o intuito de obter grandes retornos, este tipo de investidor costuma operar no mercado de Ações, Mercado a Termo, Mercado Futuro, Mercado de Opções e até mesmo no Mercado Cambial ao fazer negociação de moedas, podendo utilizar-se da alavancagem, o que muitas vezes pode trazer prejuízos maiores até mesmo do que o capital investido no momento inicial.

Figura 1: Exemplo de carteira de investimentos de acordo com o perfil de investidor.



Fonte: Banco Santander (2019)

De acordo com a figura 1, podemos observar que as estratégias de investimento variam de acordo com a instituição financeira e com os assessores de investimentos, não existindo modelos únicos a serem seguidos. Cada investidor tem a liberdade para realizar suas próprias alocações de recursos nas diferentes classes de produtos financeiros, assim como mudar de perfil de investidor a cada nova API a ser realizada de dois em dois anos. Fato é que, conforme analisado por Lusardi e Mitchell (2007), são aqueles que fazem planejamento financeiro – como alocar os recursos da maneira percentual correta – que chegam perto da aposentadoria com maior patrimônio em relação aos não planejadores, adquirindo maior tranquilidade financeira.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A técnica de pesquisa escolhida para a realização desta pesquisa será a quantitativa-descritiva, com a intenção de descrever as características da amostra através de um instrumento predeterminado que permitirá a geração de dados estatísticos (CRESWELL, 2007). Serão utilizados gráficos para ilustrar o perfil da amostra em relação aos conceitos de literacia financeira e perfil do investidor. A pesquisa será caracterizada como corte transversal, no qual os dados são coletados em um único ponto no tempo e sintetizados estatisticamente.

Além disso, será empregada como técnica um questionário online através de um levantamento (survey) como apontado por Prodanov e Freitas (2013).

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra pretendida para responder ao questionário abrangeu o mais diverso público possível, sem delimitação de idade mínima ou idade máxima. Em relação a escolaridade, foi pretendido entrevistar cidadãos dos mais variados níveis de instrução com o objetivo de simular a realidade dos cidadãos brasileiros. Para que houvesse confiabilidade, foi estipulado um número mínimo de trinta entrevistados, sendo o objetivo abordar o maior número possível de respondentes. Como resultado, foi obtida uma população de 65 pessoas que compôs a amostra e respondeu ao questionário – que será descrito abaixo – entre os meses de agosto e outubro de 2019.

3.3 INSTRUMENTO

Como instrumento para este estudo foi utilizado um questionário de autoria própria envolvendo três tópicos principais: características pessoais do entrevistado (idade, escolaridade, sexo, ocupação); conhecimento relacionado à literacia financeira (matemática financeira, juros compostos, inflação, noções de investimento, interesse em aprender novos conceitos financeiros); e perfil do investidor segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (conservador, moderado ou agressivo). Este questionário foi elaborado com dezessete perguntas e contou com respostas de autopreenchimento.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS

Os questionários foram divulgados por mídias sociais de maneira a facilitar o contato com os participantes. Para realizar a análise dos dados foi utilizado o software Excel, que computou as respostas em gráficos de coluna, pizza e linha, fornecendo uma dimensão percentual das respostas em relação ao total da amostra.

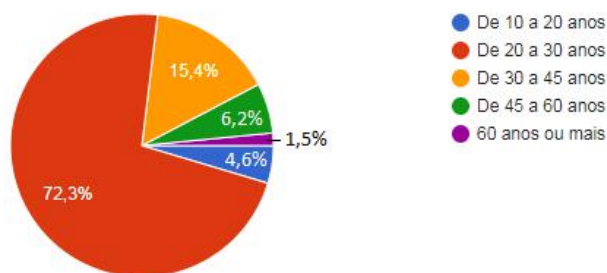
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos através da pesquisa serão apresentados abaixo. Para isto foram elaborados gráficos para facilitar a representação percentual das respostas e tabelas para demonstrar a representação numérica dos respondentes.

TABELA 1 – Idade dos entrevistados

Idade	Quantidade (nº)	Frequência (%)
De 0 a 10 anos	3	4,6%
De 20 a 30 anos	47	72,3%
De 30 a 45 anos	10	15,4%
De 45 a 60 anos	4	6,2%
60 anos ou mais	1	1,5%
Total	65	100%

Qual a sua idade?



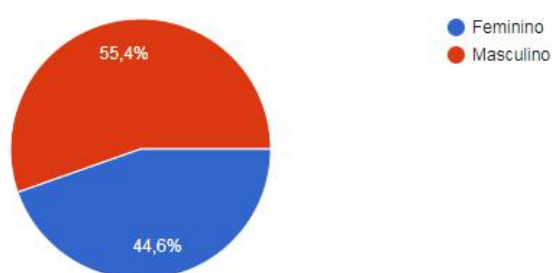
O gráfico anterior mostra a divisão da amostra de acordo com suas respectivas idades.

É possível observar participantes das mais diversas idades, com predominância de 72,3% entre aqueles que possuem de 20 a 30 anos, seguidos de 15,4% dos respondentes entre 30 a 45 anos. Aqueles que possuem entre 45 a 60 anos representam 6,2% da amostra, seguidos pelos jovens de 10 a 20 anos – 4,6% da amostra – enquanto apenas uma pessoa com mais de 60 anos respondeu ao questionário, caracterizada por 1,5% da amostra.

TABELA 2 – Sexo dos entrevistados

Sexo	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Feminino	29	44,6%
Masculino	36	55,4%
Total	65	100%

Qual o seu sexo?



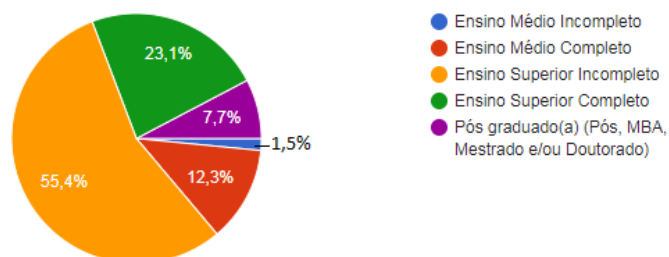
O gráfico acima representa a quantidade percentual dos sexos feminino e masculino que responderam o questionário.

Dentre os 65 respondentes, 36 deles eram homens, representando 55,4% dos participantes, enquanto as mulheres eram 29, isto é, 44,6%.

TABELA 3 – Escolaridade dos entrevistados

Escolaridade	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Ensino Médio Incompleto	1	1,5%
Ensino Médio Completo	8	12,3%
Ensino Superior Incompleto	36	55,4%
Ensino Superior Completo	15	23,1%
Pós graduado(a)	5	7,7%
Total	65	100%

Qual a sua formação?

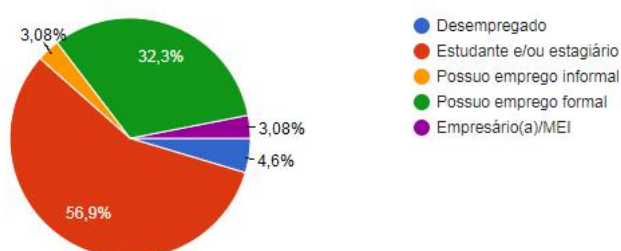


O gráfico acima representa a quantidade percentual da amostra de acordo com o nível de escolaridade de cada participante. É possível observar que 55,4% dos participantes possuem Ensino Superior Incompleto, seguidos por 23,1% que possuem Ensino Superior Completo, 12,3% que possuem Ensino Médio Completo, 7,7% que são pós graduados e por apenas 1,5% que possuem o Ensino Médio Incompleto.

TABELA 4 – Ocupação dos entrevistados

Ocupação	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Desempregado	3	4,6%
Estudante e/ou estagiário	37	56,9%
Possuo emprego informal	2	3,1%
Possuo emprego formal	21	32,3%
Empresário(a)/MEI	2	3,1%
Total	65	100%

Qual sua ocupação?

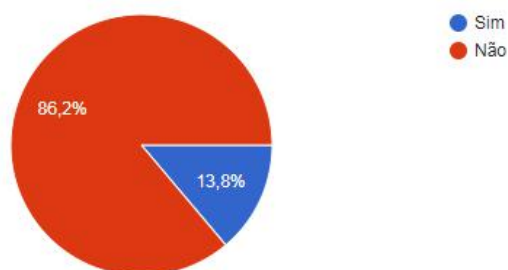


O gráfico anterior demonstra percentualmente a ocupação de cada membro da amostra. Dela, 56,9% são estudantes ou estagiários, enquanto 32,3% possuem emprego formal. Além disso, 4,6% estão desempregados, 3,08% possuem emprego informal enquanto outros 3,08% são empresários ou MEIs.

TABELA 5 – Entrevistado já trabalhou no mercado financeiro

Já trabalhou no mercado financeiro?	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Sim	9	13,8%
Não	56	86,2%
Total	65	100%

Você trabalha ou já trabalhou no Mercado Financeiro (bancos, corretoras, assets)?

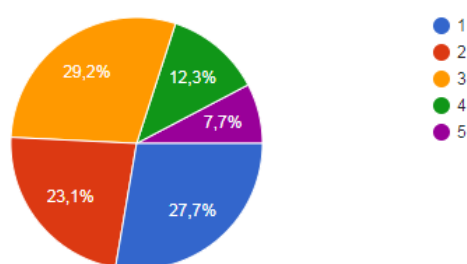


O gráfico acima procurou identificar os respondentes que trabalham ou já trabalharam no mercado financeiro, como em bancos, corretoras ou assets. De todos os participantes da amostra, apenas 13,8% trabalham ou já trabalharam, enquanto 86,2% não o fizeram.

TABELA 6 – Nível de empenho em relação à aposentadoria

Nível de empenho/aposentadoria	Quantidade (nº)	Frequência (%)
1	18	27,7%
2	15	23,1%
3	19	29,2%
4	8	12,3%
5	5	7,7%
Total	65	100%

Em sua visão, qual seu nível de empenho em relação ao planejamento de sua aposentadoria? (1-muito baixo/5-muito alto)



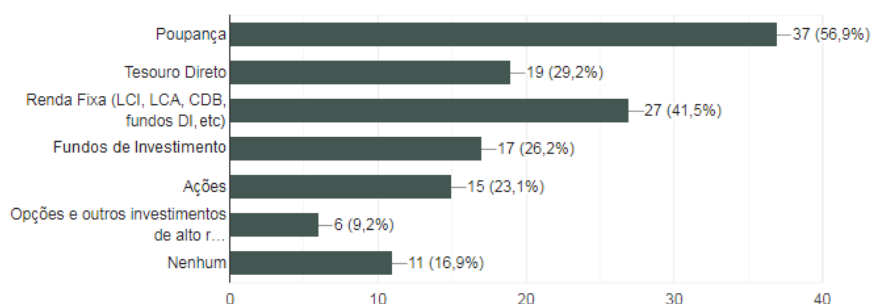
No gráfico acima, a amostra foi dividida de 1 a 5, de acordo com o empenho no planejamento da aposentadoria de cada participante. A maior parte – ou 29,2% dos participantes – afirmam estar no nível 3 de planejamento, o que pode ser considerado um nível intermediário de planejamento. Aqueles que afirmam estar no nível 1 são 27,7% da amostra, o que demonstra que muitos ainda não estão se preparando para o futuro de forma adequada. Em seguida vêm aqueles que estão no nível 2 de planejamento, caracterizados como 23,1% da amostra, seguidos pelos que estão no nível 4 e 5, representados como 12,3% e 7,7%, respectivamente. Isto evidencia que a minoria dos participantes está de fato empenhada em acumular patrimônio desde já.

TABELA 7 – Quais investimentos já realizados pelo entrevistado

Quais investimentos já realiza	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Poupança	37	56,9%
Tesouro Direto	19	29,2%
Renda Fixa	27	41,5%
Fundos de Investimento	17	26,2%
Ações	15	23,1%
Opções e outros de alto risco	6	9,2%
Nenhum	11	16,9%
Total	65 *	100% *

*A soma das frequências ultrapassa 100% pois trata-se de uma pergunta que permite múltiplas respostas

Quais investimentos você já realiza?

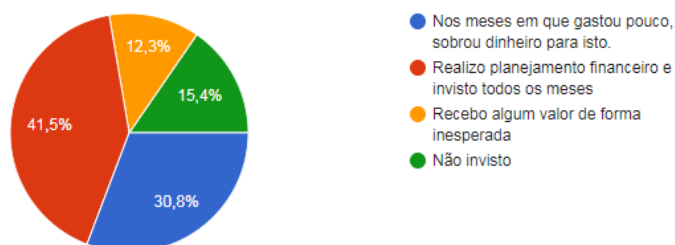


O gráfico anterior mostra que a Poupança é utilizada por 56,9% da amostra, seguida por Investimentos de Renda Fixa (41,5%) e por Tesouro Direto (29,2%). Os Fundos de Investimento são utilizados por 26,2% dos participantes, as Ações por 23,1%, Opções e Investimentos de alto risco por 9,2% e aqueles que não investem são 16,9% da amostra, um número consideravelmente alto.

TABELA 8 – O entrevistado só investe se:

Você investe se:	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Nos meses em que gastou pouco, sobrou dinheiro para isto	20	30,8%
Realizo planejamento financeiro e invisto todos os meses	27	41,5%
Recebo algum valor de forma inesperada	8	12,3%
Não invisto	10	15,4%
Total	65	100%

Você investe se:

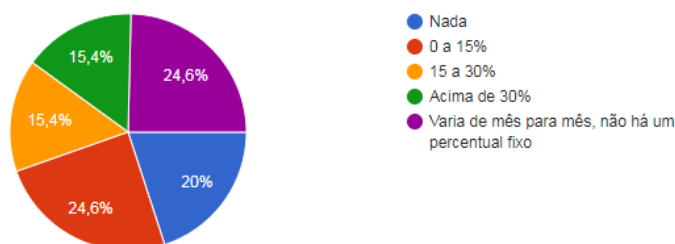


O gráfico acima demonstra percentualmente em que situações os participantes investem. No caso, 41,5% realizam planejamento financeiro e investem todos os meses, o que é um bom percentual. Aqueles que investem somente nos meses em que se gastou pouco e sobrou dinheiro para tal são 30,8%. Os que investem quando recebem algum valor de forma inesperada são 12,3%, enquanto os que não investem são 15,4%.

TABELA 9 – Percentual da renda mensal comprometido com investimentos do entrevistado

% da renda mensal comprometido com investimentos	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Nada	13	20,0%
0 a 15%	16	24,6%
15 a 30%	10	15,4%
Acima de 30%	10	15,4%
Varia de mês para mês, não há um percentual fixo	16	24,6%
Total	65	100%

Qual o percentual de sua renda mensal está comprometido, todos os meses, com investimentos?



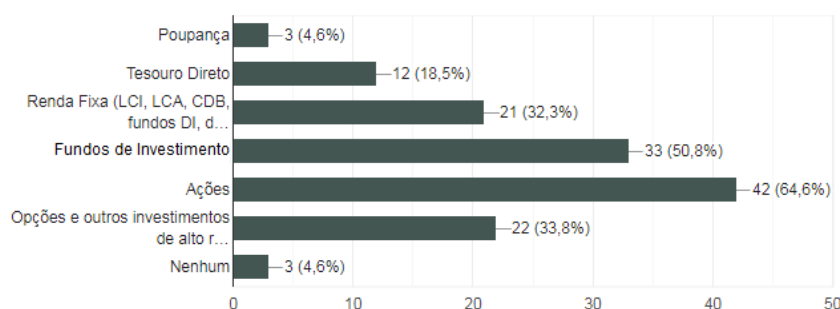
O gráfico anterior evidencia o percentual da renda mensal dos participantes que está comprometido mensalmente com investimentos. Aqueles que poupam de 0 a 15% do salário para investir são 24,6%, mesmo percentual que representa aqueles que não fazem um controle sobre a porcentagem mensal do salário a ser investido, variando de mês para mês. Os que não investem nada da renda mensal são 20%, enquanto os que poupam de 15 a 30% são 15,4%, mesmo percentual dos que poupam acima dos 30% da renda mensal para investir.

TABELA 10 – Sobre quais investimentos o entrevistado gostaria de ter mais conhecimento?

Gostaria de ter mais conhecimento em:	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Poupança	3	4,6%
Tesouro Direto	12	18,5%
Renda Fixa	21	32,3%
Fundos de Investimento	33	50,8%
Ações	42	64,6%
Opções e outros de alto risco	22	33,8%
Nenhum	3	4,6%
Total	65 *	100% *

*A soma das frequências ultrapassa 100% pois trata-se de uma pergunta que permite múltiplas respostas

Sobre quais investimentos gostaria de ter mais conhecimento para começar a investir?



O gráfico acima busca mostrar os investimentos que a população da amostra gostaria de obter mais conhecimento para começar a investir. Observa-se que 64,6% da amostra gostaria de aprender mais sobre Ações, seguidos por 50,8% que gostariam de ter maior conhecimento a respeito de Fundos de Investimento. Opções/Investimentos de alto risco e Renda Fixa vem em seguida, com 33,8% e 32,3%, respectivamente.

TABELA 11 – Qual dos estilos de vida o entrevistado escolheria para daqui a 30 anos

Qual das opções escolheria para daqui há 30 anos:	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Alto padrão de vida + alto nível de trabalho	25	38,5%
Médio padrão de vida + médio nível de trabalho	24	36,9%
Viver de renda, mesmo que com padrão de vida reduzido	16	24,6%
Total	65	100%

Qual das opções você escolheria para daqui há 30 anos:

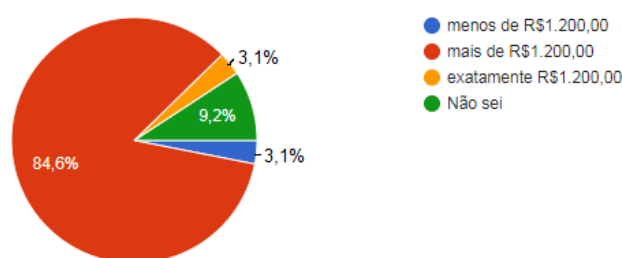


Com o gráfico acima buscou-se mensurar percentualmente a opinião da amostra em relação à nível de trabalho em um horizonte de 30 anos. Foi identificado que 38,5% dos participantes gostariam de ter um alto padrão de vida, mesmo que com alto nível de trabalho. Em seguida, com 36,9%, vêm aqueles que preferem um médio padrão de vida aliado a um médio nível de trabalho. Já aqueles que preferem viver de renda mesmo que com padrão de vida reduzido são 24,6%.

TABELA 12 – “Em uma compra de R\$1.000,00, com juros compostos de 10% ao mês, pergunta-se: ao final de 2 meses sua dívida é de:”

Respostas:	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Menos de R\$1.200,00	2	3,1%
Mais de R\$1.200,00	55	84,6%
Exatamente R\$1.200,00	2	3,1%
Não sei	6	9,2%
Total	65	100%

Numa compra de R\$1.000,00, com juros compostos de 10% ao mês, pergunta-se: ao final de 2 meses sua dívida é de:

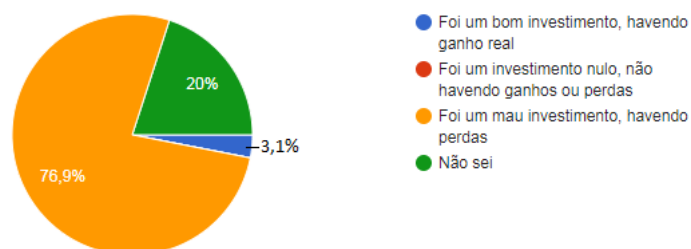


No gráfico anterior evidencia-se o percentual da amostra que respondeu corretamente à pergunta acima, sendo a resposta correta a opção “*Mais de R\$1.200,00*”. A maioria dos participantes, mais precisamente 84,6% deles, responderam corretamente à pergunta. Em contrapartida, 6,2% responderam de maneira incorreta, enquanto 9,2% não souberam opinar.

TABELA 13 – “Um capital de R\$10.000,00 investido durante 1 ano, rendeu R\$1.000,00 de juros. A taxa de inflação nesse período foi de 12% ao ano. Podemos afirmar que:”

Respostas:	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Foi um bom investimento, havendo ganho real	2	3,1%
Foi um investimento nulo, não havendo ganhos ou perdas	0	0,0%
Foi um mau investimento, havendo perdas	50	76,9%
Não sei	13	20,0%
Total	65	100%

Um capital de R\$ 10.000 investido durante um ano, rendeu R\$ 1.000 de juros. A taxa de inflação nesse período foi de 12% ao ano. Podemos afirmar que:

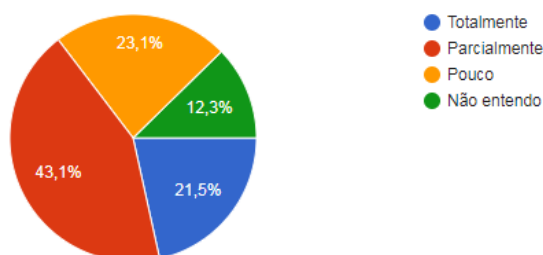


No gráfico acima buscou-se evidenciar o percentual dos respondentes que respondeu corretamente à pergunta acima, sendo a resposta correta a opção “*Foi um mau investimento, havendo perdas*”. A maioria dos participantes, mais precisamente 76,9% deles, responderam corretamente à pergunta. Em contrapartida, 3,1% responderam de maneira incorreta, enquanto 20% não souberam opinar.

Tabela 14 – Clareza dos entrevistados em relação à taxa SELIC

Em sua visão, o quão bem você entende sobre a finalidade da taxa SELIC?	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Totalmente	14	21,5%
Parcialmente	28	43,1%
Pouco	15	23,1%
Não entendo	8	12,3%
Total	65	100%

Em sua visão, o quão bem você entende sobre a finalidade da taxa SELIC?

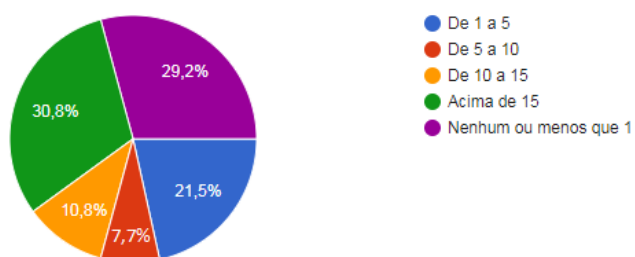


O gráfico acima divide a amostra de acordo com o entendimento dos participantes em relação à taxa SELIC. Foi possível inferir que 43,1% dos participantes entendem parcialmente o assunto, enquanto 23,1% entendem pouco. Os que entendem totalmente são 21,5% e aqueles que não entendem são 12,3%.

Tabela 15 – “Seus investimentos correspondem à soma de quantos salários?”

Seus investimentos correspondem a soma de quantos salários?	Quantidade (nº)	Frequência (%)
De 1 a 5	14	21,5%
De 5 a 10	5	7,7%
De 10 a 15	7	10,8%
Acima de 15	20	30,8%
Nenhum ou menos que 1	19	29,2%
Total	65	100%

Seus investimentos correspondem a soma de quantos salários?

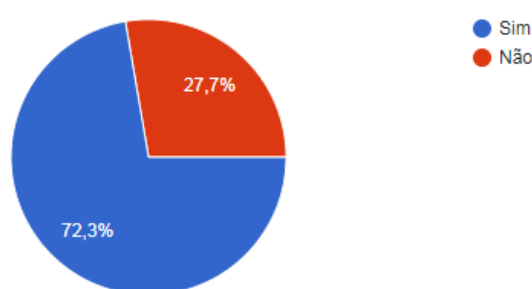


No gráfico anterior observa-se que 30,8% dos participantes têm acima de 15 salários em aplicações financeiras, 21,5% deles têm de 1 a 5 salários aplicados, 10,8% possuem de 10 a 15 salários aplicados e 7,7% possuem de 5 a 10 salários em aplicações financeiras. Aqueles que não têm investimentos ou têm o equivalente a menos que 1 salário em aplicações financeiras correspondem a 29,2% da amostra, um percentual expressivo.

Tabela 16 – Os entrevistados possuem alguma reserva financeira de emergência?

Você possui alguma reserva financeira de emergência?	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Sim	47	72,3%
Não	18	27,7%
Total	65	100%

Você possui alguma reserva financeira de emergência?

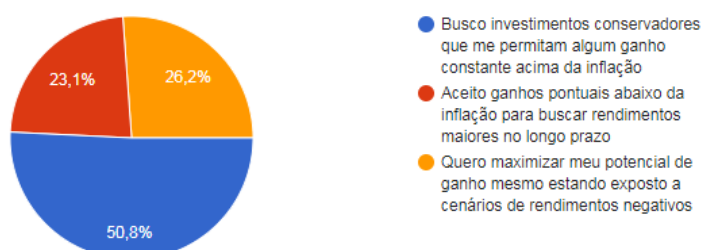


O gráfico acima demonstra que 72,3% da amostra possui alguma reserva financeira de emergência, enquanto 27,7% da amostra não possui.

Tabela 17 – Análise do Perfil do Investidor (API) do entrevistado

Como você avalia seu perfil?	Quantidade (nº)	Frequência (%)
Conservador	33	50,8%
Moderado	15	23,1%
Agressivo/Arrojado	17	26,2%
Total	65	100%

Como você avalia seu perfil?



A partir do gráfico acima é possível observar que 50,8% dos participantes possuem um perfil de investidor considerado Conservador. Outros 26,2% têm um perfil de investidor Agressivo ou Arrojado, enquanto 23,1% são considerados investidores com perfil Moderado.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve o intuito de analisar o comportamento de cada um dos participantes em relação às suas finanças pessoais de acordo com o grau de importância que se dá, individualmente, ao planejamento financeiro de longo prazo voltado à aposentadoria. Além disso procurou mensurar o conhecimento da amostra em relação a três conceitos fundamentais nos dias de hoje – inflação, juros compostos e diversificação de risco – que determinam se um planejamento financeiro será bem sucedido. Estes três tópicos são a base da grande maioria dos questionários voltados à Literacia Financeira ao redor do mundo realizados nas últimas décadas, sendo esta uma tentativa de trazer à realidade brasileira uma simulação com aspectos similares.

Um objetivo de certa forma subliminar mas que mostrou-se fundamental ao final da pesquisa foi entender a percepção dos participantes sobre as diferentes modalidades de aplicações financeiras que existem, dado o contexto e o momento econômico peculiar no qual foi realizado este trabalho – taxas de juros e de inflação extremamente baixas para a realidade brasileira, atingindo um patamar recorde e nunca antes visto na história do Brasil – e que, com alguma ou muita influência, estimulou os cidadãos a se informarem a respeito de novas modalidades de investimento, mais especificamente a renda variável, dada a nova realidade macroeconômica estabelecida no país. Com isso, foi analisado que metade da amostra têm um perfil conservador de investimento, enquanto a outra metade divide-se de forma praticamente igual entre os perfis moderado e arrojado, sugerindo que os participantes não têm tanta aversão ao risco, o que era pouco esperado.

Foi analisado que o grupo pesquisado já pensa sobre como planejar as finanças pessoais com a intenção de chegar à terceira idade de maneira confortável e segura do ponto de vista financeiro. Entretanto a maior parte dos participantes ainda faz este planejamento de maneira inicial ou intermediária, o que não necessariamente é um mau sinal dada a composição majoritária de jovens entre 20 a 45 anos da amostra, aliada aos avanços que são observados especialmente no âmbito digital relacionados à educação financeira dos cidadãos.

Além disso foi possível analisar que a maior parte dos participantes ainda utiliza a poupança como forma de investimento, seja pela sua praticidade, pela liquidez ou pela simples ausência de curiosidade em relação às outras aplicações financeiras. A renda fixa também é bastante utilizada pelos participantes, o que mostra um certo conhecimento em relação à diversificação de investimentos. Porém o principal dado analisado e de suma importância é a curiosidade dos respondentes em relação a investimentos ligados à renda variável, como ações e fundos de investimentos. Este resultado está alinhado com o que é observado no cotidiano e no noticiário, ressaltando a migração de investimentos atrelados à renda fixa rumo aos investimentos atrelados à renda variável, demonstrando tanto uma nova tendência de aplicações financeiras visando uma maior rentabilidade, quanto a própria noção de diversificação de investimentos que está, aos poucos, adentrando à cultura do investidor brasileiro.

Como sugestão para futuros estudos sugere-se a realização de uma pesquisa correlacional que aponte fatores específicos – tais quais psicológicos, sociais, informacionais, etc – que estimulam ou desestimulam a adoção de boas práticas de investimento por parte dos cidadãos, com a intenção de aprimorar os possíveis métodos de transmissão da literacia financeira. Além disso sugere-se a realização de uma pesquisa similar com uma amostra mais extensa – com o intuito de aumentar ainda mais a confiabilidade – e em diferentes localidades do país, para que seja possível analisar com mais profundidade as características dos investidores das diversas regiões do Brasil, de acordo com suas especificidades.

REFERÊNCIAS:

ATKINSON, A.; MESSY, F. (2012). Measuring financial literacy: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions No. 15**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-em>>. Acesso em: 14 mai. 2019.

Banco Santander (2019). **Investimentos e Previdência**. Disponível em: <<https://www.santander.com.br/investimentos-e-previdencia#itab01>>. Acesso em: 15 set. 2019.

Comissão de Valores Mobiliários (2013). **Instrução CVM 539**. Disponível em: <<http://www.cvm.gov.br/export/sites/cvm/legislacao/instrucoes/anexos/500/inst539consolid.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2019.

Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Abril de 2019). “**Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor**”. Disponível em: <http://cnc.org.br/sites/default/files/2019-05/Análise_Peic_abril_2019.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2019.

CRESWELL, J. W. (2007). Uma estrutura para projeto. In: _____. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**.

DATAFOLHA/ANBIMA (2019). **Raio X do investidor brasileiro**. Disponível em: <http://anbima.com.br/data/files/25/50/2D/8C/0BBB96109FF4F696A9A80AC2/RaioX_investidor_2019.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2019.

HALFELD, M. (2001). **Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro**. São Paulo: Fundamento Educacional.

HALLES, C. R.; SOKOLOWSKI, R.; HILGEMBERG, E. M. (2008). **O planejamento financeiro como instrumento de qualidade de vida**. In: SEMINÁRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO PARANÁ: ESCOLA DO GOVERNO E UNIVERSIDADES ESTADUAIS, Curitiba.

JAPPELLI, T.; PADULA, M. (2011). Investment in Financial Knowledge and Saving Decisions. **CSEF Working Paper 272**, University of Salerno.

LOPES, H. C.; CONCEIÇÃO, O. A. C. (2016). A inflação e os Planos Cruzado e Real: uma interpretação institucionalista. **Revista Economia e Sociedade**, v. 25, n. 1.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. (2007). Baby boomer retirement security: The role of planning, financial literacy, and housing wealth. **Journal of Monetary Economics**, v. 54, n. 1, p. 205-224.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. (2014). The Economic importance of financial literacy: Theory and Evidence. **Journal of Economic Literature**, American Economic Association, 52(1), 5–44.

MARKOWITZ, H. (1952). Portfolio selection. **Journal of Finance**, v. 7, n. 1, p. 77-91.

OECD (2016), “**OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies**”, OECD, Paris. Disponível em: <www.oecd.org/finance/OECD-INFE-International-Survey-of-Adult-Financial-Literacy-Competencies.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. (2013). **Pesquisa científica**. In: _____. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141.

World Economic Outlook (Outubro de 2017), pp.224-225. Disponível em: <www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2017/09/19/world-economic-outlook-october-2017>. Acesso em: 25 abr. 2019.